

Universidade Federal de Pernambuco CIn – Centro de Informática Coordenação de Pós-Graduação Profissional
--

Instruções para preparação do Pré-Projeto de Mestrado

Área: Sistemas de Informação, ênfase Gestão em Tecnologia da Informação

Instruções

Os candidatos ao mestrado deverão produzir um pré-projeto de pesquisa aderente a um dos temas descritos a seguir. O pré-projeto será de responsabilidade exclusiva do candidato com o mínimo de 04 e o máximo de 06 páginas, contendo, no mínimo: título do tema de pesquisa, justificativa, revisão da literatura, objetivo, metodologia de pesquisa e referências bibliográficas (papel A4, com margens, superior e esquerda 3,0 cm; inferior e direita 2,0 cm; fonte 12; espaçamento simples; as demais formatações são livres). Não é necessário ter capa e sumário; se tiver, eles contam para o limite de páginas acima.

Tema 1: 2 vagas

Universidade Federal de Pernambuco CIn – Centro de Informática Coordenação de Pós-Graduação Profissional Tema para Pré-Projeto de Mestrado
Título: <i>Governança Ágil</i>
Proponente: Alexandre José Henrique de Oliveira Luna (ajhol@cin.ufpe.br , alexandre.luna@ufpe.br)
Descrição <i>Governança em projetos</i> faz parte da estrutura de controle e direcionamento, onde a governança corporativa é o nível mais alto neste arranjo (PMI, 2016). A governança corporativa tem como finalidade assegurar que os dirigentes e a alta administração desempenhem as suas funções e apliquem o conjunto de políticas e procedimentos estabelecidos como parte da estratégia de negócios (Canada Government, 2013). Governança ágil evoluiu como tópico de pesquisa (Luna, Marinho & Moura, 2020): sendo incluída inicialmente como parte de Governança de Desenvolvimento de Software, entre 2007 até 2009 (Cheng, Jansen, & Remmers, 2009; Dubinsky, Chulani, & Kruchten, 2008; Qumer, 2007), em 2010 ela foi proposta como uma nova abordagem para o desenvolvimento da Governança de TI (Luna et al., 2010), e, recentemente, tem sido estudada como uma ampla e multidisciplinar área focada em desempenho, competitividade e sustentabilidade organizacional (Luna, 2015; Luna, Kruchten, & de Moura, 2013; Luna, Kruchten, Pedrosa, Almeida Neto, & Moura, 2014; Luna, Kruchten, & Moura, 2015; Luna, Kruchten, Riccio, & Moura, 2016; Luna et al., 2017). Em síntese, a governança ágil busca o desenvolvimento de capacidades dinâmicas para ajudar os times a reagirem às mudanças mais rápido que a taxa destas mudanças, em seus ambientes, de uma forma coordenada e sustentável (Luna et al., 2016). Buscando analisar e descrever os fenômenos de governança ágil, a fim de permitir uma melhor compreensão desses fenômenos e dos contextos em que ocorrem, durante sua pesquisa de doutorado, Luna (2015) desenvolveu a <i>Agile Governance Theory (AGT)</i>. Apesar dos avanços já alcançados ainda há um <i>backlog</i> de pesquisa significativo a ser desenvolvido neste tema, que possui aspectos que permanecem inexplorados em profundidade. Dentre os tópicos que precisam ser endereçados, emergem: a realização de mais estudos científicos para o alcance de uma teoria confiável, bem como o desenvolvimento de instrumentos para aplicação da AGT, e seu consequente aperfeiçoamento, em contextos organizacionais de natureza distintas. Obs: Pré-projetos associados a este tema devem propor pesquisas que enderecem estes tópicos, com especial interesse em aplicações na área de Saúde Digital (Alonso et al., 2021; Tebeje & Klein, 2021).
Referências Bibliográficas Alonso, S. G., Marques, G., Barrachina, I., Garcia-Zapirain, B., Arambarri, J., Salvador, J. C., & de la Torre Díez, I. (2021). Telemedicine and e-Health research solutions in literature for combatting COVID-19: a systematic review. <i>Health and Technology</i>, 11(2), 257–266. https://doi.org/10.1007/s12553-021-00529-7 Canada Government. (2013). <i>Corporate Governance Category: Sound Business and Financial Practices</i>. Ottawa. Cheng, T.-H., Jansen, S., & Remmers, M. (2009). Controlling and monitoring agile software development in three dutch product software companies. <i>2009 ICSE Workshop on Software Development Governance</i>, 29–35. http://doi.org/10.1109/SDG.2009.5071334 Dubinsky, Y., Chulani, S., & Kruchten, P. (2008). Workshop on Software Development Governance (SDG 2008). In <i>30th International Conference on Software Engineering</i> (pp. 13–15).

- Luna, A. J. H. de O., Marinho, M. L. M., & Moura, H. P. de. (2020). Agile Governance Theory: operationalization. *Innovations in Systems and Software Engineering*, 1–42. <https://doi.org/10.1007/s11334-019-00345-3>
- Luna, A. J. H. de O., de Farias Júnior, I., & de Moura, H. P. (2017). Governança Ágil como um tópico emergente em Gerenciamento de Projetos. *UNIVERSO PM*, 15–19. Retrieved from <http://revistauniversopm.com.br/?ano=2017>
- Luna, A. J. H. de O., Ribeiro, F. J., Maciel, T. M. de M., de Farias Júnior, I. H., & Moura, H. P. de. (2017). Uma abordagem para o Gerenciamento Estratégico Ágil em Saúde utilizando PES, OKR e MAnGve. *Revista Eletrônica Da Estácio Recife*, ISSN: 2525-3646, 12(Dezembro), 13. Retrieved from <https://reer.emnuvens.com.br/reer/article/view/146>
- Luna, A. J. H. de O., Kruchten, P., Riccio, E. L., & Moura, H. P. de. (2016). Foundations for an Agile Governance Manifesto: a bridge for business agility. In V. T. Nagawa (Ed.), *13th International Conference on Management of Technology and Information Systems*. São Paulo, SP, Brasil: FEA-USP.
- Luna, A. J. H. de O. (2015). *Agile Governance Theory*. PhD Thesis. Computer Centre (CIn). Federal University of Pernambuco (UFPE). Recife, Pernambuco, Brazil. Retrieved from <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/15494>
- Luna, A. J. H. de O., Kruchten, P., & Moura, H. P. de. (2015). Agile Governance Theory: conceptual development. In D. M. G. Sakata (Ed.), *12th International Conference on Management of Technology and Information Systems* (p. 23). São Paulo: FEA-USP.
- Luna, A. J. H. de O., Kruchten, P., E. Pedrosa, M. L. G. Do, Almeida Neto, H. R. d., & Moura, H. P. d. M. (2014). State of the Art of Agile Governance: A Systematic Review. *International Journal of Computer Science and Information Technology*, 6(5), 121–141. <http://doi.org/10.5121/ijcsit.2014.6510>
- Luna, A. J. H. de O., Kruchten, P., & de Moura, H. P. (2013). GAME: Governance for Agile Management of Enterprises: A Management Model for Agile Governance. In *2013 IEEE 8th International Conference on Global Software Engineering Workshops* (pp. 88–90). Ieee. <http://doi.org/10.1109/ICGSEW.2013.20>
- Luna, A. J. H. de O., Costa, C. P., Moura, H. P. de, Novaes, M. A., Nascimento, C. A. D. C. do, & MOURA, H. P. (2010). Agile Governance in Information and Communication Technologies: Shifting Paradigms. *JISTEM Journal of Information Systems and Technology Management*, 7(2), 311–334. <https://doi.org/10.4301/S1807-17752010000200004>
- PMI. (2016). *Governance of Portfolios, Programs, and Projects: A Practice Guide*. Newtown, Pennsylvania: Project Management Institute.
- Qumer, A. (2007). (POP-001) Defining an Integrated Agile Governance for Large Agile Software Development Environments: A Systematic Review and Analysis. *Business*, 4.
- Tebeje, T. H., & Klein, J. (2021). Applications of e-Health to Support Person-Centered Health Care at the Time of COVID-19 Pandemic. *Telemedicine and E-Health*, 27(2), 150–158. <https://doi.org/10.1089/tmj.2020.0201>

Tema 2: 1 vaga

**Universidade Federal de Pernambuco
CIn – Centro de Informática
Coordenação de Pós-Graduação Profissional**

Tema para Pré-Projeto de Mestrado

Título: Integração de abordagens ágeis e design thinking em projetos BPM

Proponente: Jéssyka Flavianne Ferreira Vilela (jffv@cin.ufpe.br)

Descrição

O aumento da complexidade e do alcance dos processos nas organizações tem provocado o crescimento da demanda por estruturação de empresas e instituições públicas para administrar seus processos [5]. BPM, do inglês Business Process Management, de acordo com o CBOK [6] é uma disciplina gerencial que integra estratégias e objetivos de uma organização com expectativas e necessidades de clientes, por meio do foco em processos ponta a ponta. BPM engloba estratégias, objetivos, cultura, estruturas organizacionais, papéis, políticas, métodos e tecnologias para analisar, desenhar, implementar, gerenciar desempenho, transformar e estabelecer a governança de processos [6].

Devido às frequentes transformações no panorama econômico, as empresas enfrentam atualmente a necessidade de inovar para se manterem competitivas [1]. Nessa situação, as organizações devem explorar novas tecnologias, mercados e estratégias gerenciais por meio da inovação para criar vantagens competitivas. O ambiente de negócios exige que as instituições sejam ágeis e inovadoras, adaptando-se rapidamente às mudanças do mercado. Nesse cenário, as abordagens ágeis [2] e o design thinking [1][4][7] vêm ganhando proeminência como métodos que fomentam a agilidade e a inovação na modelagem e implementação de processos de negócio.

É importante avaliar o impacto da utilização de abordagens ágeis e investigar como o design thinking pode ser aplicado na identificação e solução de problemas [2] relacionados a processos de negócio [1][4][7] nas diversas fases de projetos BPM [5]: planejamento, modelagem do processo atual, análise do processo, modelagem do processo proposto, implantação do processo e monitoramento do processo.

Como objetivos deste projeto, espera-se:

- Revisar a literatura sobre a aplicação de abordagens ágeis e design thinking em BPM [1] e identificar oportunidades e desafios.
- Comparar e contrastar as abordagens identificadas.
- Propor um método de integração do design thinking em metodologias ágeis para a modelagem e otimização de processos de negócio.
- Realizar estudo de caso para avaliar a eficácia do método proposto.

Espera-se que este projeto de pesquisa contribua para o conhecimento teórico e prático sobre a aplicação de abordagens ágeis e design thinking em BPM, fornecendo recomendações para cada fase de projetos BPM.

Referências Bibliográficas

- [1] Vargas, C.S., da Fontoura Vieira, J.F., Soliman, M., Marcon, É. and Marcon, A., 2021. A Model to Integrate the BPM Life Cycle and the Design Thinking Process. In Industrial Engineering and Operations Management: XXVI IJCIEOM (2nd Edition), Rio de Janeiro, Brazil, February 22–24, 2021 26 (pp. 489-499). Springer International Publishing.
- [2] Knapp, J., Zeratsky, J., & Kowitz, B. (2016). Sprint: How to Solve Big Problems and Test New Ideas in Just Five Days. Simon & Schuster.
- [3] Dumas, M., La Rosa, M., Mendling, J., & Reijers, H. A. (2018). Fundamentals of Business Process Management (2^a ed.). Springer.
- [4] Luebbe, A. and Weske, M., 2011. Bringing design thinking to business process modeling. Design Thinking: Understand–Improve–Apply, pp.181-195.
- [5] OLIVEIRA, L.A.D., 2014. EBPM: uma metodologia para gestão de processos de negócio (Master's thesis, Universidade Federal de Pernambuco).
- [6] CBOK, B., 2009. Guide to the business process management common body of knowledge. Versão, 2, p.2009.
- [7] Cereja, J.R., Santoro, F.M., Gorbacheva, E. and Matzner, M., 2018. Application of the design thinking approach to process redesign at an Insurance Company in Brazil. Business Process Management Cases: Digital Innovation and Business Transformation in Practice, pp.205-233.

Tema 3: 1 vaga

**Universidade Federal de Pernambuco
CIn – Centro de Informática
Coordenação de Pós-Graduação Profissional**

Tema para Pré-Projeto de Mestrado

Título: Aplicações de Analytics para a Saúde Digital

Proponente: Adiel T. de Almeida Filho (adielfilho@cin.ufpe.br)

Descrição

Este tema tem por objetivo o desenvolvimento de aplicações de Analytics (Sharda, Delen, and Turban 2021) para explorar questões associadas a problemas de saúde digital, permitindo maior assertividade para decisões no contexto de saúde baseadas em dados (Burke 2013; Dinov 2018).

Para esclarecer dúvidas sobre tema, entrar em contato por email.

Referências Bibliográficas

Burke, Jason. 2013. *Health Analytics: Gaining the Insights to Transform Health Care*. *Health Analytics: Gaining the Insights to Transform Health Care*. Wiley. <https://doi.org/10.1002/9781118734896>.

Dinov, Ivo D. 2018. *Data Science and Predictive Analytics: Biomedical and Health Applications Using R*. Springer International Publishing. <https://doi.org/10.1007/978-3-319-72347-1>.

Sharda, Ramesh, Dursun Delen, and Efraim Turban. 2021. *Analytics, Data Science, & Artificial Intelligence: Systems for Decisions Support*. 11th ed. Pearson.

Tema 4: 1 vaga

**Universidade Federal de Pernambuco
CIn – Centro de Informática
Coordenação de Pós-Graduação Profissional**

Tema para Pré-Projeto de Mestrado

Título: Venture Builder e Venture Capital como elementos transformadores no desenvolvimento e crescimento das Startups

Proponente: José Gilson de Almeida Teixeira Filho (gilson.teixeira@cin.ufpe.br)

Descrição

Venture Capital é o método de financiamento que geralmente está ligado ao ciclo de vida da empresa, pois as empresas iniciantes costumam ser financiadas por meio de Venture Capital. (ROSS et al., 2015). O termo Venture Capital se refere a empresas que recebem o investimento nos seus primeiros estágios de vida do seu desenvolvimento, sendo uma alternativa de diversificação de investimentos que permite aumentar a lucratividade da carteira em prazos mais curtos, e que tem como característica contribuir para o crescimento de empresa inovadoras, em geral, que possam ter grande impacto na sociedade (ANBIMA, 2013).

Em 2021, utilizando os critérios de tempo de atividade da casa, número de aportes realizados, valores de transações, exits de sucesso, quantidade de unicórnios no portfólio, networking dos gestores, alcance geográfico dos fundos, diversidade de indústrias investidas e capital sob gestão, quase seiscentos investidores diferentes aplicaram dinheiro em startups no Brasil, a maioria deles fundos de Venture Capital, neste contexto a Distrito elencou novamente os principais fundos de capital de risco em operação no Brasil, sendo: Bossanova Investimentos, Astella, Monashees, Kaszek, Valor Capital Group, Redpoint Eventures, Canary (BATISTA, 2022).

Os estágios de investimentos das startups são compreendidos entre o momento do primeiro aporte de recursos até o momento em que ocorre o desinvestimento na mesma, neste sentido de acordo com a Distrito (2018), nas rodadas de investimentos os fundos oferecem dinheiro em troca de participação acionária. Essas rodadas são divididas em séries e sua classificação acompanha os estágios das startups:

- 1) Investimento Anjo: é a primeira rodada de investimento de qualquer startup. É utilizada para testar uma ideia, montar uma equipe inicial e geralmente composta por pessoas físicas, no Brasil o volume de investimento pode ser até R\$ 700 mil.
- 2) Investimento semente (Seed): Um aporte para dar início ao trabalho, desenvolver e validar o negócio diante do mercado. Com intuito de verificar se há mercado para tal produto. Esse aporte

poderá também ser útil para contratar uma equipe mais capacitada. Nesse estágio o aporte varia entre R\$ 700 mil a R\$ 2 milhões.

3) Series A: é o momento de fidelizar os clientes e criar novos produtos e serviços, conquistar diferentes mercados. E desenvolver negócios que gere lucro a longo prazo. Os aportes podem ir de R\$ 2 milhões a R\$ 20 milhões.

4) Series B: Nessa série os fundos propõem expandir o negócio, aprimorando processos, novas contratações e até adquirir novas empresas. Os valores investidos podem chegar às dezenas de milhões.

5) Series C: Esse investimento tem como objetivo principal acelerar a empresa em todos os aspectos. Os fundos injetam capital com intenção de receber mais do que o dobro da quantia de volta.

O investimento por Venture Capital oferece várias vantagens para as empresas alvo. Em primeiro lugar, as operadoras oferecem às empresas a oportunidade de explorar sua experiência na área financeira apoio às empresas visando a criação de valor ao longo do tempo. Isso significa que a empresa será capaz de utilizar o capital disponibilizado por um período relativamente longo, pelo menos o suficiente para realizar seus projetos (sejam eles estratégias, aquisições de empresas, desenvolvimento de novos produtos, empresas e organizações). O apoio do investidor institucional não se limita ao mero fornecimento de capital de risco, mas muitas vezes fornece à empresa seu conhecimento gerencial para a realização do projeto. O investidor institucional pode, de fato, tirar proveito de uma vasta experiência baseada em realidades empresariais diversificadas, e o conhecimento setorial amadureceu também para investimentos semelhantes e geralmente possui conhecimentos específicos para os quais a empresa pode recorrer (MORO VISCONTI, 2019).

Venture builders são organizações que criam, validam e aceleram diversas startups simultaneamente. Geralmente, são criadas por pessoas de negócios com ampla experiência no mercado da tecnologia e conexões com investidores, empreendedores, grandes empresários e outros agentes importantes do ecossistema de inovação. Também conhecidas como “fábricas de startups” ou “estúdios de startups”, as venture builders constroem infraestruturas compartilhadas que permitem que várias ideias sejam colocadas em prática ao mesmo tempo, desde a etapa de ideiação até a sua consolidação como solução comercializável e escalável (DISTRITO, 2022).

As venture builders procuram atender as necessidades estruturais básicas com as quais toda startup em estágio inicial precisa lidar, de modo que suas equipes possam se concentrar naquilo que realmente importa: o produto. O objetivo de uma fábrica de startups é justamente “industrializar” as atividades mais periféricas das novas empresas de tecnologia, fornecendo aos empreendedores apoio nas áreas jurídica, administrativa, contábil, de marketing, recursos humanos e outras. Além

dos serviços de consultoria, ferramentas como softwares de gestão, plataformas de transmissão online e de nuvem também são compartilhados nos estúdios de startups.

Uma vez que os gestores das venture builders mantêm um relacionamento próximo com investidores — ou possuem eles próprios fundos de investimento —, o capital de risco se torna mais acessível às startups do portfólio com melhor desempenho. As venture builders atuarão como holding companies, com participação societária nos seus projetos que se demonstrarem mais promissores e terão envolvimento ativo nas suas operações diárias, até obterem retorno através da venda da startup para empresas de grande porte ou mesmo uma oferta pública inicial. Naturalmente, as taxas de sucesso das venture builders são mais elevadas do que as dos fundos de venture capital tradicionais — a expectativa é de que 60 a 80% das startups dos estúdios se tornem empresas lucrativas (DISTRITO, 2022).

Os recursos de um fundo de venture capital são disponibilizados para financiar empresas que já estejam em crescimento acelerado e as expectativas relacionadas aos resultados são de longo prazo, com um retorno médio que varia de 5% a 30% ao ano. Enquanto isso, nas venture builder, o ciclo é mais curto, onde a expectativa de saída é de cinco a sete anos e o foco é no gerenciamento diário de pessoas, do jurídico, do produto, do modelo de negócio, etc. A principal diferença é que, enquanto o venture capital é um investidor, a venture builder é como um sócio e essa diferenciação é crucial para que os empreendedores entendam qual a melhor solução para os seus negócios.

Referências Bibliográficas

ANBIMA. Os Gestores De Private Equity E Venture Capital Influenciam a Governança Corporativa Das Investidas? Evidências Das Empresas Estreantes Na Bovespa. p. 1–144, 2013.

BATISTA, Guilherme. 7 principais fundos de venture capital no Brasil. 2022. Disponível em: <https://distrito.me/blog/principais-fundos-de-venture-capital-no-brasil/>.

DISTRITO. Inside Venture Capital Report, 2021. Disponível em: <http://www.dowjones.com/press-room/dow-jones-venturesource-4q15-china-venture-capital-report/>.

DISTRITO. Venture builders: o que são e como funcionam, 2022. Disponível em: <https://distrito.me/blog/o-que-sao-venture-builders-e-como-funcionam/#:~:text=Venture%20builders%20s%C3%A3o%20organiza%C3%A7%C3%B5es%20que,importantes%20do%20ecossistema%20de%20inova%C3%A7%C3%A3o.>

ROSS, Stephen A. et al. administração financeira. 2015.

VISCONTI, Roberto Moro. The Valuation of Technological Startups. SSRN Electronic Journal, [s. l.], n. January 2019, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.2139/ssrn.3533876>.

Tema 5: 1 vaga

**Universidade Federal de Pernambuco
CIn – Centro de Informática
Coordenação de Pós-Graduação Profissional**

Tema para Pré-Projeto de Mestrado

Título: Inovação Aberta em Organizações Públicas

Proponente: Kiev Gama (kiev@cin.ufpe.br)

Descrição

Este tema tem por objetivo o desenvolvimento de aplicações de Analytics (Sharda, Delen, and Turban 2021) para De acordo com Chesbrough, Press e Brown (2003), a inovação aberta se baseia na utilização de fontes de conhecimento externas para impulsionar a inovação interna. Os governos de todo o mundo têm demonstrado interesse em explorar o potencial da inovação para melhorar os serviços públicos (Bason, 2010). O ambiente urbano atual é cada vez mais complexo e desafiador, tornando as abordagens e métodos tradicionais impraticáveis (Liso e Vergori, 2016). Como resultado, as abordagens de inovação aberta, habilitadas pelas TICs, têm se destacado como uma solução proeminente para enfrentar esses desafios (Gasco Hernandez, 2018; Heimstädt e Reischauer, 2019). Consequentemente, os governos têm adotado o progresso tecnológico para oferecer produtos e serviços melhores aos cidadãos. No entanto, apesar do conceito de inovação aberta ser bem estabelecido no setor privado, a literatura sobre inovação aberta no setor público é escassa (Hameduddin, Fernandez e Demircioglu, 2020).

Louis et al. (2013) ressaltam que as abordagens e procedimentos aplicados no setor privado não podem ser facilmente transferidos para o setor público, pois o setor público busca primordialmente promover o bem-estar social e conscientização sobre problemas sociais, além de melhorar e ampliar os serviços públicos. Compreender esse contexto em sua totalidade e incorporar metodologias que promovam a inovação aberta pode gerar diversos resultados positivos no relacionamento entre o governo e os cidadãos, como maior conscientização sobre problemas sociais, práticas aprimoradas com base no feedback dos cidadãos e maior confiança entre o governo e os cidadãos (Gaventa e Barrett, 2010; Reddel e Woolcock, 2004).

Portanto, é crucial estudar como a inovação aberta ocorre no cenário público, identificar suas necessidades e desenvolver um modelo de inovação aberta que atenda às expectativas do setor público (Fabiaë, Zekiaë e Sama-Rija, 2016). A partir dessa compreensão, como organizações públicas poderão otimizar seus modelos e processos de inovação?

Referências Bibliográficas

BASON, C. Leading Public Sector Innovation: Co-Creating for a Better Society. Second. [S.l.]: Policy Press, 2010. ISBN 9781447336242. BOS-NEHLES, A.; BONDAROUK, T.; NIJENHUIS, K. Innovative work behaviour in knowledge-intensive public sector organizations: the case of supervisors in the Netherlands fire services. The International Journal of Human Resource Management, Routledge, v. 28, n. 2, p. 379–398, 2017.

CHESBROUGH, H.; PRESS, H. B. S.; BROWN, J. Open Innovation: The New Imperative for Creating and Profiting from Technology. [S.l.]: Harvard Business School Press, 2003. (G - Reference, Information and Interdisciplinary Subjects Series). ISBN 9781578518371.

FABIÆ, M. G.; ZEKIÆ, Z.; SAMARIJA, L. Implementation of management innovation a precondition for the development of local government effectiveness: evidence from Croatia. *REVISTA ADMINISTRATIE SI MANAGEMENT PUBLIC*, v. 2016, n. 27, p. 7–29, 2016. Disponível em: <https://ideas.repec.org/a/rom/rampas/v2016y2016i27p7-29.html>.

GASCO-HERNANDEZ, M. Reflection on new research trends: Ict-enabled innovation in the public sector. *SIGCAS Comput. Soc.*, Association for Computing Machinery, New York, NY, USA, v. 47, n. 4, p. 7–11, jul 2018.

GAVENTA, J.; BARRETT, G. So what difference does it make? mapping the outcomes of citizen engagement. *IDS Working Papers*, v. 2010, p. 01 – 72, 10 2010.

HAMEDUDDIN, T.; FERNANDEZ, S.; DEMIRICIOGLU, M. A. Conditions for open innovation in public organizations: evidence from challenge.gov. *Asia Pacific Journal of Public Administration*, Routledge, v. 42, n. 2, p. 111–131, 2020.

HEIMSTÄDT, M.; REISCHAUER, G. Framing innovation practices in interstitial issue fields: open innovation in the NYC administration. *Innovation: Management, Policy and Practice*, v. 21, n. 1, p. 128 – 150, 2019.

LISO, N.; VERGORI, A. The different approaches to the study of innovation in services in Europe and the USA: Innovation in services in Europe and USA. *Metroeconomica*, v. 68, 05 2016.

LOUIS, C.; MERGEL, I.; BRETSCHENEIDER, S. I.; SMITH, J. Crowdsourcing policy innovations using challenge.gov. In: [S.l.: s.n.], 2013.

REDDEL, T.; WOOLCOCK, G. From consultation to participatory governance? a critical review of citizen engagement strategies in Queensland. *Australian Journal of Public Administration*, v. 63, 09 2004.